

**A SOCIOLINGÜÍSTICA NA SALA DE AULA:  
UMA EXPERIÊNCIA COM O GÊNERO ENTREVISTA ORAL**

*Joseane Aparecida de Souza Francisco* (UEMS)

[profjoseaneletras@gmail.com](mailto:profjoseaneletras@gmail.com)

*Natalina Sierra Assêncio Costa* (UEMS)

[natysierra2011@hotmail.com](mailto:natysierra2011@hotmail.com)

**RESUMO**

Sabemos que o ensino de Língua Portuguesa das escolas brasileiras está voltado à língua culta. No entanto, também é fato de que a heterogeneidade linguística é um fator relevante no processo educacional, assegurando aos alunos o direito de prestigiar as diversas variedades da língua, ressaltando as diferenças sociolinguísticas presentes nas situações e intenções discursivas que a linguagem adere de acordo com o propósito comunicativo. Em um país de grande extensão territorial como o Brasil, é importante analisar os diversos aspectos de variedade linguística, respeitando e valorizando a língua materna. Nesse sentido, o presente artigo apresenta um relato de experiência voltado para o ensino de língua portuguesa, dentro dos princípios da sociolinguística, tendo como enfoque uma atividade de produção e análise de entrevistas orais, realizadas por alunos do 7º ano A da Escola Municipal Prof. Licurgo de Oliveira Bastos (Campo Grande-MS), no 3º e 4º bimestre no ano de 2018, com grupos de pessoas de escolaridade e idades diferentes, tornando possível, por meio da mediação do professor, desenvolver uma pedagogia da variação linguística, a partir de experiências reais dos alunos, com o intuito de promover uma reflexão sobre a língua materna e seu uso. Como resultado dessa pesquisa, foi possível os alunos construírem conceitos a respeito da variação linguística, para se tornarem mais competentes no uso das variedades prestigiadas, sem menosprezar as outras variantes.

**Palavras-chave:**

Ensino. Sociolinguística. Variação linguística.

**ABSTRACT**

We know that the Portuguese language teaching of Brazilian schools is focused on the cultured language. However, it is also a fact that linguistic heterogeneity is a relevant factor in the educational process, assuring students the right to honor the various varieties of language, emphasizing the sociolinguistic differences present in the discursive situations and intentions that language adheres to according to the language, communicative purpose. In a country of great territorial extension such as Brazil, it is important to analyze the various aspects of linguistic variety, respecting and valuing the mother tongue. In this sense, this article presents an experience report focused on the teaching of Portuguese language, within the principles of sociolinguistics, focusing on an activity of production and analysis of oral interviews, conducted by students of 7<sup>th</sup> grade A of the Municipal School Licurgo de Oliveira Bastos (Campo Grande-MS), in the 3<sup>rd</sup> and 4<sup>th</sup> bimester in 2018, with groups of people of different ages and ages, making it possible, through the mediation of the teacher, to develop a pedagogy of linguistic variation, based on students' real experiences in order to promote

reflection on the mother tongue and its use. As a result of this research, it was possible for students to construct concepts about linguistic variation, to become more competent in the use of prestigious varieties, without neglecting the other variants.

**Keywords:**

**Sociolinguistics. Teaching. Linguistic variation.**

## **1. Introdução**

Compreender o cenário da língua portuguesa no Brasil é investigar sua realidade linguística que perpassa por atitudes e crenças solidificadas, que delinham o que está ou não, sendo ofertado dessa língua para o ensino nas escolas.

Ao investigar essa realidade, conforme Bortoni-Ricardo (2005) nota-se que a sociedade brasileira, incluindo todos os níveis sociais, cultua o português padronizado nas gramáticas, dicionários e na literatura, considerado como culto, padrão, belo e correto. Assim, desde o cidadão de nível superior, erudito até o trabalhador sem escolaridade veem com “bons olhos” a norma culta que ratifica uma sociedade excludente e perpetua as desigualdades sociais. Além de causar grandes equívocos no ensino de Língua Portuguesa, nas escolas brasileiras.

Dentre esses equívocos, vale ressaltar o ensino tradicional do português, preso dentro do que foi convencionado como norma nas gramáticas, desprezando o que ficou às margens. Fato que resulta em uma visão homogênea da língua portuguesa que exclui o aluno, advindo das camadas menos prestigiadas da sociedade. O que gera um sentimento de “insegurança” na forma de se comunicar e interagir com a linguagem, a partir do momento que foge às estruturas conhecidas como “corretas” e traz moldes estigmatizados da linguagem “não padrão” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 104).

Diante desse cenário, o papel da escola, do professor pode contribuir para reforçar essa ideologia de uma língua com apenas uma variedade, a culta, padrão, assim denominada pelos puristas. Ou assumir uma postura mais democrática em relação ao uso da língua, dentro dos princípios da sociolinguística que a compreende como heterogênea, em que o falante real dentro de um contexto social utiliza sua variante, formada a partir de um espaço geográfico, considerando fatores históricos, classe social, idade, sexo, escolaridade que constituem sua identidade.

Assim, amparando-nos nos conhecimentos da Sociolinguística e

na Sociolinguística Educacional foi realizada uma reflexão sobre a heterogeneidade da língua, o preconceito linguístico e a valorização das múltiplas formas de se manifestar na língua materna por meio da produção e análise de entrevistas orais realizadas por alunos do 7º ano A da Escola Municipal Prof. Licurgo de Oliveira Bastos (Campo Grande-MS), no 3º e 4º bimestre no ano de 2018, com grupos de pessoas de escolaridade e idades diferentes, com a finalidade de os alunos construírem conceitos a respeito da variação linguística, para se tornarem mais competentes no uso das variedades prestigiadas, sem menosprezar a variante deles.

## **2. Por uma pedagogia da variação linguística**

O professor de Português deve ter o entendimento que qualquer falante da língua portuguesa, independente do grupo social ao qual pertence, ao se expressar será avaliado. Sendo assim, “as expressões linguísticas, efetivamente utilizadas por um grupo de falantes são avaliadas como prestigiosas (bonitas, corretas, agradáveis) ou desprestigiosas (feias, erradas, desagradáveis)” (MARTINS; VIEIRA; TAVARES, 2014, p. 7).

Dessa forma, Labov (1972) salienta que

Há fatos linguísticos que não recebem avaliação de determinada comunidade de fala e são usados de forma inconscientes (indicadores); há outros que recebem positiva/negativa a depender do contexto em que estão inseridos, de modo que situações mais formais acabam por alterar a opção do falante (marcadores); e outros, ainda que sempre recebem avaliação no nível absoluto da consciência do falante, de modo que constituem traços estigmatizantes (estereótipos). (LABOV, 1972, p. 12)

Portanto, cabe ao docente de língua portuguesa conhecer o perfil das variantes que lida diariamente nas produções de seus alunos como o objetivo de orientá-los, levando os alunos a se adequarem aos textos que produzem, reconhecendo que há usos linguísticos, às vezes, distantes da sua comunidade de fala. Para isso será necessário, conforme, Bortoni-Ricardo (2004) que o professor domine o contínuo de normas que pode ser comparado com três linhas imaginárias. O primeiro é o contínuo de urbanização:

Em uma das pontas dessa linha, nós imaginamos que estão situados os falares rurais mais isolados; na outra ponta, estão os falares urbanos que, ao longo do processo sócio-histórico, foram sofrendo influência de codificação linguística, tais como definição do padrão correto de escrita, também chamado ortografia do padrão correto de pronúncia, também chamado ortoépia, da composição dos dicionários e gramáticas (...) No espaço entre eles fica uma zona *rurbana*. Os grupos rurbanos pelos mi-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

grantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semirurais, que estão submetidas à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 52)

Para identificar em que ponto dessa linha um falante do português brasileiro está, segundo a autora supracitada, deve-se levar em consideração a região onde ele nasceu ou vive. Assim, alguém nascido e criado em área rural isolada, situará no polo rural do contínuo e conseqüentemente, seu modo de falar será bastante diferente daqueles que passaram a maior parte ou a vida toda em áreas urbanas e pertencem à cultura letrada. Da mesma forma, haverá também esse distanciamento entre o grupo de falantes *rurbanos* e os urbanos.

No contínuo de oralidade-letramento, a distinção consiste em lembrar que eles estão relacionados a eventos, mediados ou não, pela língua escrita, denominados eventos de letramento e eventos de oralidade. Assim, no polo do letramento estão aqueles que se apoiam em um texto escrito para se comunicarem, que pode ter sido estudado ou lido antecipadamente, por exemplo, o padre ao proferir um sermão já tem um roteiro prévio. Uma conversa em família pode ser considerada um evento de oralidade, conforme Bortoni-Ricardo (2004a).

O contínuo de monitoração estilística está relacionado a situações em que o falante faz uso de estilos mais monitorados, com planejamento e atenção maior ao se comunicar, ou utilizar uma linguagem mais espontânea que não exige monitoramento. Cada situação descrita acima depende “do ambiente, do interlocutor e do tópico da conversa”, podendo a conversa ser mais monitorada/formal ao menos monitorada/informal, de acordo com Bortoni-Ricardo (2004b).

Amparados por esses conhecimentos, cabe o questionamento de como o professor pode interferir diante dos “erros de português do aluno sem anular sua variante, levando em consideração, de acordo com Silva (2004), que a maioria dos professores de língua portuguesa não possui uma formação sociolinguística adequada, limitando suas aulas a correção ortográfica, pontuação, disposição gráfica do texto escrito etc., relegando o caráter heterogêneo da língua em detrimento de uma única norma, denominada padrão.

Faraco (2008) esclarece que fazer uma reflexão sobre a língua e seu funcionamento é um processo importante no domínio da fala e da escrita de forma fluente, do aluno, porém critica a gramatiquice, compre-

endida como um estudo da gramática, desarticulada do uso da norma culta, descontextualizada, reduzida a uma lista de conteúdos apresentadas nas aulas, de maneira não funcional.

Assim, para o autor, o ideal seria fazer uma reflexão gramatical sem gramatiquice e estudar a norma culta sem normativismo. Para que isso ocorra, deve-se pensar em uma nova pedagogia para o ensino do português, pois apesar do escasso material de apoio ao professor sobre esses conhecimentos da sociolinguística, alguns autores já produziram materiais para que o docente possa desenvolver um ensino da variação linguística no ambiente escolar, principalmente público, em que a maioria dos alunos faz uso da variedade popular.

Em relação aos autores que contribuíram para o desenvolvimento desse ensino, vale ressaltar a autora Bortoni-Ricardo (2004) que propôs uma ramificação dentro da Sociolinguística denominada Sociolinguística Educacional, com o propósito de conduzir de modo mais sistematizado as contribuições da Sociolinguística ao ensino e a aprendizagem do português brasileiro. Dialogando com o que Erickson (1987) definia como “pedagogia culturalmente sensível”, estes conceitos vão ao encontro do que Faraco (2015) denomina como “pedagogia da variação linguística”, defendendo que é possível desenvolver um ensino de língua portuguesa no Brasil que considera as variedades linguísticas que os alunos trazem de suas experiências, fora do ambiente escolar, como legítimas, e que lhes ensine as variedades cultas da língua, a fim de que possam ampliar sua competência comunicativa.

### **3. *Produção da entrevista oral***

Segundo Mollica (2003) a Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e tem como foco de estudo a língua em uso nas comunidades de fala, destacando principalmente os empregos linguísticos reais heterogêneos. Dessa forma, a produção da entrevista oral, conduziu os alunos a realizarem uma reflexão a respeito das variações que esses empregos linguísticos podem sofrer, tendo em vista fatores extralinguísticos como a idade e escolaridade dos entrevistados.

Para isso, foi necessário retomar algumas questões a respeito das características do gênero entrevista, tais como a estrutura, necessidade de organizar um roteiro, escolha do tema, finalidade da entrevista, linguagem utilizada, tempo de duração da entrevista e de que forma seria gra-

vada a entrevista (áudio ou vídeo).

De acordo com Tarallo (1986) independente do assunto a ser tratado nas entrevistas, uma forma de fazer com que os entrevistados se sintam mais confortáveis é levá-los a narrar experiências pessoais, pois apresentam uma despreocupação com a forma, ao narrar situações que estão envolvidos emocionalmente. Assim, ficou estabelecido como tema, os relatos de memória sobre as experiências de leituras dos entrevistados.

Dessa forma, a sala se dividiu em 3 grupos, sendo que os alunos de cada grupo formulariam perguntas para o entrevistado e após, fariam um roteiro, utilizando uma linguagem mais formal. Em relação à gravação, o tempo de duração da entrevista seria de 5 minutos, gravada no celular (em áudio ou vídeo) e depois editada para ser apresentada aos colegas da turma no data show. Além disso, houve a necessidade de estabelecer a faixa etária e a escolaridade de cada entrevistado com o propósito de posteriormente, os alunos observarem a variação na fala de cada entrevistado, levando em consideração a idade e a escolaridade, pois conforme Mollica (2003) fatores sociais, externos às línguas, exercem influência sobre a variação das mesmas.

Nesse sentido, a professora os auxiliaram, sugerindo que entrevistassem 2 pessoas na faixa etária de 11 a 18 anos que estivessem cursando o ensino fundamental ou médio; 2 pessoas na faixa etária de 19 a 30 anos, sendo uma estudante e a outra não estudante e por fim, 2 pessoas na faixa etária de 31 a 60 anos em que um dos entrevistados fosse graduado e o outro não tivesse concluído o ensino básico.

Concluída a entrevista e editada, cada grupo apresentou seu vídeo ou áudio para a turma. Em seguida, foi necessário a mediação da professora que selecionou alguns excertos das entrevistas de cada entrevistado e fez a transcrição tal qual a gravação, com a finalidade de promover um diálogo com os alunos para que pudessem observarem aspectos da variação linguística de natureza externa da língua, recursos linguísticos próprios da modalidade oral, o valor social de determinados usos de palavras ou expressões, identificar alguns fenômenos variáveis, nos níveis lexical, fonológico, morfossintático e discursivo e lidar com a noção de “certo” e “errado”; “adequado” e “inadequado”.

As entrevistas foram apresentadas na ordem crescente em relação à faixa etária de cada entrevistado. Vale ressaltar que a transcrição das entrevistas foram realizadas com base no quadro de Preti (1999) sobre normas para transcrição. Inicialmente as entrevistas foram analisadas

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

com base nos três contínuos: de urbanização, oralidade-letramento e monitoração estilística, de acordo com Bortoni-Ricardo (2004). Dessa forma, se tomar o contínuo de urbanização como referência para a análise, pode-se verificar as influências de uma variante urbana ou rural na fala do entrevistado, a partir de palavras que apresentam traços graduais (termos usados pela maioria dos falantes urbanos) ou traços descontínuos (termos mais comuns nos falares de pessoas da zona rural). Em relação ao contínuo oralidade-letramento, é possível verificar se houve ou não influência da língua escrita na fala do entrevistado e também se o falante monitorou a sua fala, conforme o contínuo de monitoração estilística.

Para ilustrar esse momento da aula, a seguir serão expostos trechos das entrevistas e as conclusões dos alunos acerca de cada entrevista.

### **Entrevista 1**

**Aluno:** Qual o seu nome?

**Entrevistada:** Daniele Mendes.

**Aluno:** Qual sua profissão?

**Entrevistada:** Estudante.

**Aluno:** Quantos anos você tem.

**Entrevistada:** 16 anos.

**Aluno:** Qual sua escolaridade?

**Entrevistada:** Estou cursando 2º ano do ensino médio.

**Aluno:** Qual o livro que marcou sua vida?

**Entrevistada:** o nome do livro éh:: a última música.

**Aluno:** Qual o gênero do livro?

**Entrevistada:** O gênero do livro éh::: romântico.

**Aluno:** Por que você gosta desse livro?

**Entrevistada:** Porque ele é um romântico... e é mais voltado pra adolescentes de 14 a 17 anos.

**Aluno:** Conte um pouco da história desse livro?

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

**Entrevistada:** O livro fala sobre dois casais ... que se separam... o livro fala sobre um casal que se separam e tem dois filhos que vão:: passar... foram passá o verão na praia com seu pai... ih:: lá a filha do casal encontra um rapaiz ... que ela se apaixona e assim... começa uma:: linda história de amor... ma... mais o pai do rapaiz que a meninas começa a namorá não gosta da minina... mais mesmo assim eles lutam pra... pra continuá o namoro.

**Aluno:** Você lembra o nome de algum personagem?

**Entrevistada:** Um dos personagens principais chamam-se Alex.

[...]

### **Entrevista 2**

**Aluno:** Qual o seu nome?

**Entrevistado:** Felipe dos Santos

**Aluno:** Qual sua profissão?

**Entrevistado:** Estudante.

**Aluno:** Qual a sua idade?

**Entrevistado:** 13 anos.

**Aluno:** Qual a sua escolaridade?

**Entrevistado:** Estou cursando 8º ano do ensino fundamental.

**Aluno:** Você gosta de ler?

**Entrevistado:** Sim... eu gosto de lê... pra passá o tempo... às vezes.

**Aluno:** Você lia quando era criança?

**Entrevistado:** Sim.

**Aluno:** O que você lia quando era criança?

**Entrevistado:** Lia alguns livros infantil... um livro que eu gostava muito era o diário de um banana.

**Aluno:** Quais foram as leituras que marcaram sua vida?

**Entrevistado:** Foi o livro... chamado:: o caçador de pipa ... que conta a



história de uma criança lá no Afeganistão... que vivia durante a guerra e a ditadura.

[...]

Em relação as duas entrevistas transcritas acima, trata-se de dois estudantes (Ensino Fundamental e Médio), pertencentes a faixa etária de 11 a 18 anos e falantes *urbanos*, ao situá-los no contínuo de urbanização. Quanto ao contínuo de oralidade e letramento, o evento ocorreu sem nenhuma mediação da língua escrita, por fim houve um monitoramento na fala por se tratar de uma entrevista que estava sendo gravada e seria posteriormente apresentada para turma.

As observações realizadas pelos alunos, inicialmente, foram a respeito das marcas de oralidade. Nesse sentido, pontuaram que havia símbolos no texto transcrito que não são comuns aos textos da modalidade escrita. Ao elencarem esses símbolos, a professora conduziu a aula de forma que os educando pudessem levantar suas hipóteses sobre o significado de cada um. Após essa mediação, houve a necessidade de elucidar sobre aspectos da língua oral que a diferencia da língua escrita, recursos empregados somente na oralidade, tais como os símbolos presentes no texto que indicam pausa, prolongamento de uma vogal ou consoante e marcadores conversacionais (éh, ah, então, né etc.) . Em seguida observaram alguns fenômenos variáveis no nível fonológico, por exemplo, a ditongação (transformar uma vogal em um ditongo), presente na **entrevista 1**, como no caso das palavras *rapaiz* (rapaz) e *mais* (mas). Na **entrevista 2**, elencaram um exemplo no nível morfossintático *livros infantil*, em que há ausência de redundância do plural no sintagma nominal. Pela norma culta, principalmente na modalidade escrita, quando o núcleo (substantivo ou palavra substantivada) está no plural, seu determinante deve concordar com o substantivo.

A respeito desses fenômenos variáveis, a mediação da professora ocorreu no sentido de explicar que é comum na fala não monitorada, apresentar casos de ditongação e ausência do plural, conforme os casos acima. Contudo em alguns contextos, é necessário o uso de uma fala mais monitorada. Nesse sentido, é importante o falante ter conhecimento dessa variação, para monitorar seu próprio estilo.

A seguir, serão expostos trechos da entrevista 3 e 4 para análise.

### **Entrevista 3**

**Aluno:** Qual o seu nome?

**Entrevistada:** Paula Ferreira.

**Aluno:** Qual a sua profissão?

**Entrevistada:** Monitora de escola.

**Aluno:** Qual a sua idade?

**Entrevistada:** 20 anos.

**Aluno:** Qual sua escolaridade?

**Entrevistada:** Estou cursando 4º semestre de direito.

**Aluno:** Que livro marcou sua vida?

**Entrevistada:** como eu gosto muito de mitologia éh::... um livro chamado a pirâmide vermelha... que é um livro que conta a história da mitologia egípcia... de uma forma mais:: didática.

**Aluno:** Qual o seu personagem preferido?

**Entrevistada:** Era um babuíno... que ele era mascote das:: crianças do livro.

**Aluno:** Por qual motivo você gostou deste livro?

**Entrevistada:** Porque ele fala sobre a mitologia ih::... é de um jeito... não é de um jeito meio quadrado assim... sabe? éh::... contando diversas histórias... diversas coisas que acontecem com... com eles...várias aventuras, sabe?

**Aluno:** Você sempre gostou de leituras?

**Entrevistada:** Eu lia... tudo que eu via queria ler... intão... tipo:: sempre foi uma coisa... sempre presente na minha vida.

[...]

#### **Entrevista 4**

**Aluno:** Qual o seu nome?

**Entrevistado:** Mateus.

**Aluno:** Qual a sua profissão?

**Entrevistado:** Trabalhei no Instituto Mirim.

**Aluno:** Qual a sua idade?

**Entrevistado:** 19 anos.

**Aluno:** Qual a sua escolaridade?

**Entrevistado:** Cursando 3º ano do ensino médio.

**Aluno:** Você gosta de ler?

**Entrevistado:** Gosto bastante.

**Aluno:** Que tipo de livro?

**Entrevistado:** Ficção... magia e ação.

**Aluno:** Tem como você fazer um resumo do livro que mais gostou?

**Entrevistado:** Éh::... bom... o livro qui vô fazê o resumo éh... livro aí... mistério da oitava noite... basicamente .... conta a história de uma minina que perdeu us... us pais ih:: o avô morreu ih...ela teve que viajá pra casa do avô pra investigá a morte do avô... acabô que ela descobriu....(ilha) :: .... uma nova cidade ih.... na mansão do seu avô havia... altas coisas de magia.

[...]

Sobre as entrevistas 3 e 4 ,transcritas acima, trata-se de dois estudantes, sendo que uma entrevistada está cursando o ensino superior e o outro o ensino médio. Pertencem ao grupo etário de 19 a 30 anos e são falantes *urbanos*, ao situá-los no contínuo de urbanização. Quanto ao contínuo de oralidade e letramento, o evento ocorreu sem nenhuma mediação da língua escrita e houve um certo monitoramento na fala por se tratar de uma entrevista que estava sendo gravada e seria posteriormente apresentada para turma.

Na entrevista 3, os alunos observaram que a entrevistada fez o uso das gírias *quadrado* e *tipo* em sua fala. Ao questioná-los que em algumas situações de fala, existem termos que são “adequados” para serem ditos e outros “inadequados”, os alunos compreenderam que no evento entrevista, apesar de ser comum seu uso em falantes mais jovens, as gírias poderiam ser evitadas, já que a finalidade da entrevista era ser apresentada para a sala de aula, tendo em vista que no ambiente escolar é cobrado o uso da fala culta.

Na análise da entrevista 4, as observações dos alunos, com a mediação da professora, foram sobre a ausência do fonema /r/ para determinar o infinitivo nos verbos *investigá* (‘por investigar’), *fazê* (‘por

fazer') e *viajá* ('por viajar'). Esse fenômeno de variação morfológica, pode ser definido como um traço gradual que se encontra na fala da maioria dos brasileiros, independente de sua variante, de acordo com Bortoni-Ricardo (2004). Assim, a orientação da professora foi sobre as situações em que se usa um estilo mais monitorado, neste caso, os alunos devem aprender a monitorar suas falas ou escritas para usar a variante com a presença do "r" indicador de verbos no infinitivo.

Em seguida, serão apresentadas as entrevistas 5 e 6 para a análise.

### **Entrevista 5**

**Aluno:** Qual o seu nome?

**Entrevistada:** Tania Souza.

**Aluno:** Qual a sua profissão?

**Entrevistada:** Escritora.

**Aluno:** Qual a sua idade?

**Entrevistada:** 40 anos.

**Aluno:** Qual a sua escolaridade?

**Entrevistada:** Especialização em Língua Portuguesa.

**Aluno:** Que história você gostou de ler?

**Entrevistada:** Uma história que eu li e gostei bastante foi a história sem fim... conta a história de um menino que era bastante solitário num tinha amigos... e ... acabou descobrindo um livro... um livro... diferente e tudo que ele lia nesse livro... ele se envolvia de tal forma que ele passou a ser um personagem e ajudar esse mundo a sobreviver... então é uma história que me encantô muito.

**Aluno:** Qual foi o livro que você achou mais inspirador?

**Entrevistada:** O que eu achei mais inspirador... não tem um só... eu li livros que mi inspiraram... que eram de aventuras... de poesia... livros de conto de fadas... de criaturas mágicas... livros de terror. tudo que eu li me inspirou um pouquinho... então: : ... não dá pra escolher só um... destes livros... alguns me assustaram... outros me deixaram espantada.. então: : foram vários livros que me inspiraram... desde poesia até : : histórias éh : : terror... de amor... gibis : :éh... de tudo um pouco.

[...]

**Entrevista 6**

**Aluno:** Qual o seu nome?

**Entrevistada:** Dirlene Gomes

**Aluno:** Qual a sua profissão?

**Entrevistada:** Zeladora da escola.

**Aluno:** Qual a sua idade?

**Entrevistada:** 51 anos.

**Aluno:** Qual sua escolaridade?

**Entrevistada:** Ensino médio incompleto.

**Aluno:** A senhora gosta de ler?

**Entrevistada:** Eu gosto de lê livros... gosto de ler o jornal pra saber a notícia... ih: : atualmente eu gosto de ler livro espírita.

**Aluno:** Conta para gente uma história que te marcou?

**Entrevistada:** Tá... ultimamente o que mi marcô foi...violetas na janela porque é uma história de uma moça que depois que morreu... ficô sabeno como é a vida depois da morte... a morte não acaba... a vida não acaba depois da morte... intão o que acontece? a gente fica sabeno... tudo que a gente faiz aqui... a gente paga de qualquer maneira... entendeu? a dívida é cobrada... se apronto nessa encarnação... na última cê tem que vim pra podê pagá... por isso que eu gostei (pra mim) pra podê intendê melhor o que si passa com a gente.

[...]

A respeito das entrevistas **5** e **6**, transcritas acima, trata-se de uma escritora com graduação e uma zeladora de escola com ensino fundamental incompleto que pertencem ao grupo etário de 31 a 60 anos. Ao situá-las no contínuo de urbanização, a zeladora pode ser denominada falante *rurbana* por apresentar antecedentes rurais e a escritora pode ser situada na região urbana. Quanto ao contínuo de oralidade e letramento, o evento ocorreu sem nenhuma mediação da língua escrita e houve um certo monitoramento na fala, por se tratar de uma entrevista que estava sendo gravada e seria posteriormente apresentada para turma.

A observação realizada pelos alunos na **entrevista 5** foi sobre o fenômeno variável no nível fonológico que consiste na redução do diton-

go final nos verbos *acabô* ('acabou') e *encantô* ('encantou'). Nesse aspecto, houve uma conversa acerca de algumas palavras que na fala há redução dos ditongos /ei/ e /ou/ final ou não final como *dexa* ('deixa'), *peixe* ('peixe'), *otro* ('outro'), *entrô* ('entrou'), *falô* ('falou') que podem ser considerados traços graduais da fala. Da mesma forma que estes traços apresentam na fala da escritora, também podem surgir na fala da maioria de falantes escolarizados em situação de fala não monitorada. Assim como nas entrevistas anteriores, os alunos, a partir dessas reflexões, devem compreender quando fazer uso de um estilo monitorado, observando esses fenômenos.

Na entrevista 6, houve a discussão a respeito do fenômeno variável no nível morfológico, ou seja, a terminação *-ndo*, morfema verbal que indica gerúndio. Nessa entrevista, esse morfema sofre uma mudança para *-no*, com a queda do fonema /d/ na palavra *sabeno* ('sabendo'). Sobre tal variação, a professora ao colocar em evidência as seis entrevistas, notaram que somente no diálogo com a entrevistada Dirlene, ocorreu esse fenômeno. Assim, mediante discussões com a turma, levantaram a hipótese de que o fator escolaridade pôde influenciar na maneira de falar da entrevistada. Levando em consideração que ela possui o ensino fundamental incompleto, enquanto os outros entrevistados são estudantes do ensino fundamental/ médio, ensino superior ou graduado (escritora).

Além desse fenômeno, foi observado, **entrevista 6**, o uso de *cê* (para 'você'). Nesse sentido, para uma maior compreensão sobre a variação diacrônica (variação que a língua sofre através do tempo) foi apresentado pela docente o percurso que esse pronome de tratamento seguiu: *vossa mercê* > *vosmecê* > *você* > (o) *cê*, esclarecendo que da mesma maneira que atualmente *você* e (o) *cê* se alternam na língua falada, no passado, os termos citados acima também se alternavam até a forma mais antiga se tornava obsoleta e deixava de ser usada.

#### 4. Considerações finais

Se por um lado há um idioma, uma língua que representa a nação brasileira, também existe uma enorme variação linguística considerável e justificada, a qual não deve ser vista como uma forma "errada" de falar, incorrendo em preconceitos linguísticos. Postura que gera uma ideia, presente em boa parte da sociedade, de que a língua dita "gramaticalmente correta" representa o que é "belo", "correto", ocasionando em um culto a esse ideal de língua, configurando em uma

crença de que todas as outras manifestações de nosso português brasileiro que não foi convencionado como o modo certo de falar e escrever, não podem ser consideradas belas, lógicas e corretas.

Diante desse panorama, a escola, ambiente onde muitas vezes se tenta homogeneizar a linguagem de uma comunidade, deve levar em conta essa variação linguística, ou seja, esses fenômenos linguísticos refletidos na oralidade dos alunos, sem menosprezar, por meio de preconceitos linguísticos, a fala do educando e sua bagagem cultural.

Nesse sentido, para o desenvolvimento da atividade sobre a produção da entrevista oral, foi necessário, por parte da professora, um conhecimento mínimo dos postulados teóricos-metodológicos da Sociolinguística, de modo a não ser uma mera repetidora de informações ou repassadora de conteúdos veiculados, na maioria das vezes, no livro didático, principal ferramenta de trabalho do professor do ensino básico.

Nessa direção, uma das primeiras tarefas da professora foi reconhecer a realidade linguística da sala de aula, observando por meio de textos orais e escritos, o contínuo de urbanização de cada aluno, ou seja, verificar se na fala deles havia traços graduais (comum na fala da maioria dos brasileiros urbanos) ou descontínuos (mais comum na fala rural) para posteriormente pensar em atividades, a partir da realidade sociolinguística do aluno. Essa observação ocorreu durante o primeiro semestre, antes da intervenção didática. Outra atividade que foi desenvolvida com os alunos, está relacionada ao levantamento do conhecimento prévio dos educandos a respeito da variação linguística e os saberes intrínsecos a ela.

Da mesma forma, as entrevistas realizadas pelos alunos, propocionaram a eles o desenvolvimento da autonomia, enquanto pesquisadores, além de permitir que identificassem regras internas da língua que regem a variação, em diferentes níveis linguísticos, por exemplo, no nível fonológico e morfossintático.

Com base nas transcrições das entrevistas, os alunos identificaram recursos próprios da modalidade oral, notando algumas diferenças entre a fala e a escrita. Também, houve a oportunidade de os educandos refletirem sobre as questões externas da língua que possam influenciar na variação, como a idade e a escolaridade. Neste aspecto, o uso das gírias, ficou evidente apenas na fala de uma entrevistada mais jovem. Além disso, puderam observar que tanto na modalidade oral ou escrita, o uso de determinados termos, pode ser considerado adequado

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

ou inadequado. Porém, não se configura em falar ou escrever certo ou errado, apenas se trata de variantes que possuem maior valor social que as outras. Isso resulta na compreensão de que a língua está relacionada ao poder, *status*, sendo assim, algumas variantes são consideradas pela sociedade mais “bonitas e corretas” que as outras, todavia não significa que o falante que ainda não se apropriou dessa variedade da língua, deve aceitar a discriminação. Ao contrário, essa conscientização permitirá compreender a importância de ampliar seu conhecimento linguístico para utilizá-lo de acordo com suas necessidades e ambiente que estará inserido.

Dessa forma, a partir de ações como essas, o professor estará cumprindo com sua função de inserir os alunos de forma plena na cultura letrada para poder se valer desse bem cultural, que ele tem direito.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais de Língua Portuguesa*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

\_\_\_\_\_. *Parâmetros curriculares nacionais – Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>>. Acesso em 13/04/2018.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

\_\_\_\_\_. *Nós chegemos na escola, e agora?: Sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola, 2005.

CYRANKA, L. F. M. A pedagogia da variação linguística é possível?. In: ZILLES, A.M.S; FARACO, C.A. (Orgs). *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola, 2015.

COCHAR, Thereza Anália Magalhães; Cereja, William Roberto. *Português: Linguagens*. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2015.



*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTINS, A. M.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. *Ensino de português e sociolingüística*. São Paulo: Contexto, 2014.

ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto (Orgs). *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo, 2015.